



AÇÕES E REFLEXÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA – Relato de Experiência

Lays Nunes da Fonseca Lopes
(Universidade Estadual de Goiás - UEG)

Keila Pereira da Silva
(Universidade Estadual de Goiás - UEG)

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo apresentar experiências e reflexões acadêmicas durante o período de regência do Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II do curso de Letras-Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas. A execução do nosso planejamento se deu nos turnos matutino e vespertino numa escola de Ensino Médio da rede pública da cidade de Inhumas-GO, com alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. A sequência de aulas que será apresentada e discutida é resultado de um planejamento junto ao nosso professor supervisor de Estágio Supervisionado a partir do conteúdo requisitado pela professora regente. O foco de nosso planejamento é trabalhar os tempos verbais *present simple* e *past continuous* de forma diferenciada, isto é, levando para a sala de aula músicas, artigo de opinião, não de forma aleatória, mas baseado no conteúdo requisitado pelas professoras regentes. Dessa forma, a intenção era levar assuntos interessantes aos alunos, mas que condissessem com o conteúdo a ser estudado. Neste estudo apresentamos nossas ações e reflexões acerca da realização da regência no estágio supervisionado. Apresentamos, também, os resultados obtidos ao final de nossas aulas enfatizando também, o nosso processo de formação enquanto professoras.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Prática. Sequência de aulas.

INTRODUÇÃO

Quando entramos na escola parceira, pela primeira vez, com o intuito de observar seus aspectos físicos e pedagógicos, não tínhamos noção da dimensão de nosso papel interventor no contexto escolar. Podemos dizer isso pelo fato de que, durante o período de observações, não contribuimos de forma concreta para com a escola, isso porque foi um momento dedicado apenas a observação do contexto não muito diferente da semirregência, onde observamos as aulas da regente; no entanto este ano se fez mais significativa, já que nos auxiliamos os alunos em relação aquilo que tinham dificuldade de acordo com o requisito da professora regente – a leitura. No entanto, na última fase, quando entramos na sala de aula como regentes, cremos que contribuimos para com a escola e o aprendizado dos alunos. Isso porque estávamos



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

carregados de ideias e vontade de praticar aquilo que vimos na teoria, a ideia de que precisamos conhecer o nosso aluno, abordar os interesses deles em sala de aula, a importância de aproximar a escola do contexto real do aluno, dentre outras teorias envolvendo o aluno e os métodos do professor. Ao pensarmos nessa contribuição é que refletimos sobre o que seria melhor desenvolver na escola que interessasse aos alunos e, de certa forma, sanasse algum problema apresentado. Dessa forma, nos sentamos junto ao professor supervisor e planejamos nossas aulas, cujo intuito principal era planejar aulas que utilizassem recursos diversos (como a música), não de forma aleatória, mas, sim, com base no conteúdo de língua inglesa presente no currículo de referência. Nesse sentido, conseguiríamos atender ao pedido da professora regente em relação ao conteúdo ao mesmo tempo em que chamaríamos a atenção dos alunos para nossa aula. Sobre esse interesse, Miccolli (20011) afirma que:

A aprendizagem dependerá do sentido que o estudante encontrar naquilo que acontece em sala de aula. Esse sentido será possível se, no currículo ou programa de ensino, houver congruência entre as expectativas dos estudantes e o conteúdo desses currículos ou programas de ensino elaboradas pelo professor. (MICCOLLI, 2011, p.181).

De acordo com Miccolli (2011), deve haver concordância entre aquilo que os alunos esperam das aulas e o que está no planejamento do professor. Desse modo, as aulas não se tornam enfadonhas desinteressantes aos alunos ao mesmo tempo em que o professor consegue a atenção deles e promove um ensino aprendizagem que faça sentido.

Durante o período de observações da prática da professora regente (semirregência), pudemos observar os três anos do Ensino Médio (1º, 2º e 3º). Notamos que o nível dos alunos em relação à língua inglesa é praticamente o mesmo, isto é, os alunos não apresentam facilidade em relação à língua, durante as observações a regente sempre nos dizia que eles não compreendem o que ela fala, logo ela sempre tem que repetir em língua portuguesa. No entanto, ao realizarmos a atividade de leitura individual com alguns alunos, observamos que os alunos que diziam não saber nada, liam bem e tinham uma boa pronúncia, enquanto aqueles, apontados pelas professoras como mais avançados nas habilidades de compreensão e leitura em língua inglesa demonstraram alguma dificuldade ao ler em voz alta para nós. Junto com essa leitura individual, o comportamento dos alunos nas aulas de língua inglesa nos fez constatar que os alunos não sentem interesse não pela língua, mas sim, pelas aulas em geral.



Na maioria das aulas observadas, vimos alunos conversando, desenhando e até dormindo, ou seja, faziam tudo, menos aquilo que era proposto pela professora.

Logo, começamos a refletir sobre isso, o que faria com que esses alunos se sentissem e comportassem dessa forma? E chegamos à conclusão de que a maioria das aulas não chamava os alunos para ela, isto é, as aulas eram meramente conteudísticas, e, por essa razão, a participação dos alunos não era necessária. O desencontro entre as expectativas dos alunos e os conteúdos vistos na escola, segundo Jorge (2009), faz com que surja o desinteresse por parte dos discentes. Ainda segundo Jorge (2009, p.165), “os jovens que frequentam a escola [...] têm resistido de maneiras diferentes a qualquer proposta de educação que não lhes pareça adequada a suas realidades.”. Concordamos com a autora acima no que concerne à necessidade de aliar aquilo que os alunos conhecem e gostam (coisas de seu cotidiano) aos conteúdos necessários para a sua formação. Nesse sentido, buscamos uma proposta que fizesse com que esse aluno se sentisse parte das aulas, não um mero ouvinte. Tivemos a preocupação de não exigir algo que eles ainda não sabiam, que fizessem se sentir presente, e fossem chamados a prestar atenção naquilo que estava sendo apresentado. Não queríamos que estivessem apenas de corpo presente, comparecendo a escola simplesmente por assistir aulas, mas para participar de forma mais ativa.

A nossa prática se deu numa escola pública localizada numa região adjacente ao centro da cidade; na Avenida Antônio Moreira, Vila Floresta, s/n, na cidade de Inhumas, no estado de Goiás. Essa escola possui um ensino exclusivamente para o nível Ensino Médio. Logo, tivemos a oportunidade de conhecer e observar o dia a dia das turmas de 1º, 2º e 3º anos para que, posteriormente, pudéssemos atuar em algumas delas.

Assim que concluímos o período de observações nos indagamos o que e como levar para a sala de modo a chamar a atenção dos alunos para as aulas de língua inglesa de forma que privilegiem o ensino aprendizagem de língua inglesa ao invés de outras atividades, sanando assim, algumas das dificuldades apresentadas pelas turmas?

Percurso metodológico

Pensando naquilo que podemos observar nas aulas da professora regente e no que seria bom para o aprendizado dos alunos, nos sentamos e planejamos junto do professor supervisor aulas para os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Concordamos em atuar nas três fases do Ensino Médio pensando em contribuir com as turmas, ao mesmo tempo, que pensamos em



nosso crescimento pessoal e profissional. Isso porque, até então, tínhamos experiência apenas com o Ensino Fundamental II e Ensino Fundamental I (no caso de uma de nós por atuar com crianças). Após planejarmos nossas aulas, as apresentamos ao professor supervisor para que as testássemos e modificássemos (caso fosse necessário) antes de entrar para a sala de aula.

Assim, no 2º semestre do ano de 2016, realizamos a última fase do nosso estágio – a regência – na escola pública parceira, no dia 13 de setembro. Como atuaríamos nos 3 anos/fases do Ensino Médio, tivemos três planos de aulas diferentes, pois, cada turma tinha um conteúdo específico. Logo, no 1º ano, trabalhamos os tempos verbais *Present Simple/ Present Continuous*; no 2º e no 3º trabalhamos com música a pedido das professoras regente. Dentre as aulas ministradas, descreveremos neste relato apenas duas delas, sendo uma que consideramos positiva e a outra com alguns pontos que poderiam ser melhorados ou modificados.

Nossa segunda aula, enquanto regentes, aconteceu no dia 14 de setembro na turma do 2º ano B. Iniciamos essa aula perguntando se alguém conhecia os Beatles, muitos nos responderam que sim e que já ouviram alguma das músicas deles; assim fizemos um breve comentário sobre a formação da banda, ano de nascimento, nome dos integrantes, músicas de mais sucesso. Para, depois, executarmos a música. A nossa intenção, nesse primeiro momento, era apenas apresentar a banda, para então, executar a música. Então, agrupamos os alunos em duplas para que pudessem organizar a letra da música (por trechos) “*She Loves You*” dos Beatles. Para isso, imprimimos a letra da música num tamanho maior e a recortamos em trechos, em cada verso da música evidenciamos os tempos verbais em negrito, a fim de que os alunos localizassem melhor as frases e as colocassem em ordem. Após terem ouvido a música por duas vezes, pedimos aos alunos que verificassem se a sequência da letra da música que tinham em mãos (para que organizassem) estava correta ao comparar com outros grupos. Feita essa correção pelos próprios alunos, apresentamos a letra da música na sequência correta, pausando e repetindo os versos para que os alunos corrigissem a sequência.

No segundo momento da aula, pedimos aos alunos que observassem as palavras em negrito nas frases (formas verbais apresentadas na letra da música), com base nas seguintes questões: Quais tempos verbais aparecem na música? (*Present Simple*); qual verbo aparece na terceira pessoa do singular? (*Love – loves*); dentre outras. Concordamos com Miccoli (2013) no sentido em que o professor deve ser o guia para o aluno em suas aulas, podendo ajudar de



diversas formas a fim de que o aluno compreenda aquilo que está sendo ensinado ou requisitado.

Em certos casos, perguntas mais direcionadas, perguntas didáticas podem funcionar estrategicamente como andaimes, auxiliando o aluno que ainda não está em condições de se fazer ouvir de uma forma mais livre ou fluente na língua. O uso estratégico da língua materna em sala de aula é também um recurso a assegurar um ambiente de aproximação social e consequente aprendizagem. (p.105).

Nesse sentido, quando o professor aponta os pontos principais da atividade, ele auxilia o seu aluno não só na compreensão daquilo que está fazendo, mas também, a interpretar demais atividades sem esse mesmo apoio. Desse modo, utilizar a língua materna, por exemplo, é um andaime para que o aluno desenvolva habilidades tanto na língua estrangeira, quanto na materna imperceptivelmente

Logo, demos alguns exemplos nos tempos verbais aparentes na música e pedimos para que eles formassem frases com eles e compartilhassem-nas. Ao final, pedimos que os alunos que se sentissem à vontade para apresentarem suas respostas. Dessa forma, através da música trabalhamos o conteúdo requisitado aliado a algo considerado lúdico para os alunos – o trabalho com a música em sala de aula.

A aprendizagem é concebida como necessariamente participativa (social e colaborativa), prática (porque experiencial, relacionada ao mundo dentro e fora da sala de aula) e significativa, tanto para alunos quanto para professores, na medida em que lhes ‘faz sentido’ [...] (JORDÃO, 2014, p.21).

Concordamos com Jordão (2014) no sentido que a aprendizagem não é algo que depende somente das experiências de sala de aula, mas sim, da associação daquelas com a experiência de mundo. Ao levar para a sala de aula algo do universo do aluno e aplicar em algum conteúdo curricular, o professor está não só motivando os seus alunos, chamando atenção para a aula, mas também, promovendo uma aprendizagem mais efetiva. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se torna mais significativo, quando encontram algo de seu mundo dentro da escola – como as músicas, bandas que conhecem e ouvem no dia a dia inseridas na apresentação de um conteúdo novo – de igual modo para os professores quando conseguem aliar os conteúdos aos interesses dos alunos e assim conseguem a sua atenção e uma aula que realmente prepare os alunos para a realidade.



Infelizmente o tempo não foi suficiente para cumprirmos aquilo que estava em nosso plano, pois pretendíamos que os alunos fizessem uma pesquisa envolvendo bandas musicais. De modo que ao final da aula eles nos apresentariam essas bandas e suas músicas em *power point* ou qualquer outro recurso. Apesar de não termos terminado sentimos que essa aula interessou bastante aos alunos, eles colaboraram conosco e sempre que pedíamos exemplos eles participaram. Através dessa aula soubemos que os alunos gostam de aulas com música e de realizar atividades em grupo, não só pelo fato de estar trabalhando com música, mas sim pelo modo como essas aulas são executadas, já que se socializaram e tiveram que usar conhecimentos prévios e algumas habilidades da língua como o *listening* (ouvir a canção) e *Reading* (ler e encaixar as partes) para organizar a letra da música. Para isso, eles ajudaram uns aos outros e puderam trocar opiniões acerca da música, o que tomou um bom tempo da aula. No entanto, sentimos que o objetivo da aula foi concluído, pois apresentamos o conteúdo através da música e alguns exemplos que eles mesmos nos ajudaram a formular no momento da aula.

Essa aula, para nós, foi uma das mais significativas. Isso porque os alunos participaram e mostraram interesse em nossa aula, principalmente no momento em que tinham de organizar a música; não sabemos dizer se isso se deve pelo fato de estarmos trabalhando com música, ou simplesmente pela forma que estávamos trabalhando, já que não executamos a música em sala e a traduzimos como estão acostumados a ver.

Como dito, consideramos essa aula como produtiva tanto para nós, quanto para os alunos, por diversos motivos, mas, principalmente, pela forma como conseguimos conciliar as nossas posturas de forma que cada uma de nós teve o seu momento de falar.

Já na aula do dia 04 de outubro (segunda parte de nossa regência) na turma do 1º ano B, sentimos que não estávamos tão à vontade com a turma, o que resultou numa aula não tão produtiva. Logo depois de entrarmos em sala e cumprimentá-los, perguntamos aos alunos quem conhecia a música “Catedral”, interpretada pela banda Legião Urbana. Feito isso, falamos brevemente sobre a música e os cantores e sobre a compositora da música em inglês Tanita Tikaram, quem fez a composição original da música intitulada “Cathedral Song”. A escolha da música se deu pelo fato de se tratar de uma música originalmente gravada em inglês pela compositora Tanita Tikaram e que ficou muito popular no Brasil após o final da década de 90. Além disso, trata-se de uma canção gravada por uma banda que agrada a



adolescentes até hoje – Legião Urbana. Desse modo, levaríamos para a sala algo que é da cultura americana adaptada à brasileira.

Distribuímos as cópias da música em inglês e a executamos. Pedimos a eles que escutassem bem a música para que, posteriormente, soubessem preencher as lacunas corretamente com as formas dos verbos entre parênteses. Executamos a música novamente a fim de que os alunos prestassem atenção na letra, depois repetimos mais duas vezes para que eles preenchessem. Tivemos a atenção deles, eles socializaram entre si e conseguiram efetivar a atividade como proposto. Os alunos não demonstraram dificuldade e se mostraram bem atentos aquilo que ouviam. É notório o interesse dos alunos por aulas com música, pois durante a nossa semirregência muitos enfatizaram o quanto gostam e consideram importantes as aulas com música já que eles acham que aprendem mais e a aula fica mais envolvente, diferente das outras que seguem um mesmo padrão: apresentação de texto e atividades. Cristóvão (2007 apud FERRAZ; AUDI, 2013) postula que

As músicas são exemplo de uma linguagem autêntica, memorável e rítmica. [...] a) as músicas são exemplos acessíveis de inglês oral; b) as rimas permitem aos alunos exercícios de identificação de sons similares; c) a atmosfera agradável que a musicalidade traz faz com que o aluno sinta-se mais à vontade com o trabalho de pronúncia; d) a identificação das sílabas fortes e fracas ajuda na pronúncia da língua. (p. 113).

Corroboramos com Cristóvão (2007) que atividades com música proporcionam um contato com a língua como ela realmente é falada sem ter que necessariamente se deslocar do lugar aonde estão. Além disso, a música proporciona um ambiente de aprendizado mais interessante aos alunos, principalmente se estiver de acordo com o estilo da turma, no caso selecionamos as bandas de acordo com a fase deles: adolescentes do Ensino Médio.

Feito isso, partimos para a parte de apresentação do conteúdo, iniciamos dizendo uma frase como: “Agora eu estou dando aula, mas ontem à noite eu estava estudando”, dito isto escrevíamos no quadro a frase 1: “Ontem à noite eu estava estudando” com a ajuda dos alunos na tradução de cada palavra para a língua inglesa: “*Last night I was studying*”. Logo depois, perguntamos a alguns alunos “E você, me diga alguma coisa que você estava fazendo ontem” Informamos que eles deveriam dizer na mesma estrutura que o utilizamos, de acordo com os exemplos citados pelos alunos íamos anotando no quadro e fazendo a tradução para a língua alvo. Depois de termos conseguido ouvir alguns exemplos, começamos a explicar a estrutura



do tempo verbal *Past Continuous*. Explicamos que quando falamos de algo que estávamos fazendo em determinado momento e que para formar uma estrutura nesse tempo verbal é necessário que utilizemos o *Verb to be* no passado (*was/were*) + *verb* (verbo principal) + -ing. Ao mesmo tempo em que explicávamos, fomos mostrando essa estrutura nas sentenças traduzidas no quadro. Percebemos que os alunos prestavam atenção naquilo que estávamos falando, pois mostramos a eles (mesmo que indiretamente) como a língua inglesa pode fazer parte de seu cotidiano, pois eles estavam descrevendo ações de seu próprio cotidiano nos exemplos.

Após o momento de explicação, pedimos aos alunos que fizessem uma atividade na qual eles teriam que retirar da música frases que apresentassem o *past continuous* e que, posteriormente, fizessem a tradução de cada uma. Como exemplo: *You were watching me* – Você estava me observando; *You were leaving me* – Você estava me deixando. Com o término desta atividade, fizemos a correção com eles no quadro. Levando em conta que a correção é necessária para vários fatores no desenvolvimento do aluno não só em relação à atividade em questão, mas também acerca daquilo que ele pensa estar fazendo correto e não está. “Sem correção, alguns alunos jamais atingiriam um estágio linguístico considerado ideal, pois a correção é uma forma de desconfirmar hipóteses errôneas que os alunos podem criar em relação à língua-alvo.” (Bley-vroman, 1986 apud FIGUEIREDO, 2012, p.165). Pedimos para que eles escrevessem no caderno três coisas que eles estavam fazendo no dia anterior pela manhã, tarde e noite. Solicitamos a leitura e tradução de algumas atividades para que escrevêssemos e corrigíssemos no quadro.

Nessa aula, apesar de termos a atenção dos alunos, sentimos que poderia ter sido melhor pelo fato de como nos comportamos. Como realizamos o estágio em trio, sentimos alguma dificuldade para dividir as tarefas, bem como a prática na sala de aula; de modo que muitas vezes os alunos não sabiam para onde olhar, já que estávamos todas juntas. Atuamos em conjunto pensando ser o melhor, porém, notamos que os alunos se perdiam em relação a quem estava falando. E, devido a isso, muitas vezes ficavam divididos sem saber o que fazer e qual instrução seguir.

A aula conforme estava no plano foi boa, mas poderia ter sido melhor, com maior participação dos alunos, sentimos que devíamos ter chamado mais atenção deles para a aula de forma que colaborassem mais nas atividades, nos exemplos, etc. Se tivéssemos explicado de forma mais clara talvez os alunos manifestassem mais as opiniões e tirassem as dúvidas,



não deixando dúvidas de que realmente aprenderam algo, contudo, não sabemos dizer se eles realmente aprenderam nessa aula. No entanto, não a consideramos de toda ruim, nessa aula pudemos crescer enquanto profissionais, mesmo que estejamos em mais de uma é necessário que visualizemos a aula com três professores em sala e não um. Enfim, apesar de não ter sido tão boa nos serviu de aprendizado para as aulas posteriores.

Resultados de discussão

Durante a nossa regência a produção textual não foi o nosso foco, visto que pretendíamos verificar o interesse e envolvimento dos alunos nas aulas com diversos gêneros (música, artigo de opinião, etc). Nesse sentido, avaliamos os nossos alunos a partir de sua colaboração nas aulas e, também, por meio de atividades de compreensão feitas em seus cadernos. Foi notório o envolvimento dos alunos em atividades em grupo, principalmente nas aulas que envolvia música. Sentimos as aulas bem mais animadas quando envolviam a locomoção deles na sala, interagindo com os colegas.

Durante a primeira aula descrita acima, do dia 13 de setembro, sentimos que os alunos se empenharam e demonstraram interesse, acreditamos que tal ação não tenha sido somente pelo fato de se tratar de uma aula com música, mas também pela forma como foi desenvolvida. Isso porque não fizemos tal como a forma tradicional – não entregamos a letra, cantamos e em seguida demos a tradução – incitamos eles a procurarem a forma original da letra com exercício de *listening*, repetindo a música quantas vezes fosse necessário, de forma que eles já tinham se familiarizado com o ritmo e, até, pronúncia de algumas palavras. Através do exercício no qual tinham que dar alguns exemplos de tempos verbais aparentes na letra da música e formassem frases com eles percebemos que eles não tiveram muita dificuldade, pois alguns utilizaram os exemplos da própria música, enquanto outros, trocaram uma palavra ou outra, mas, sempre recorrendo às palavras negritadas na letra. Consideramos isso um fator positivo, visto que a nossa intenção ao chamar atenção para algumas palavras era justamente que os alunos encontrassem aquelas palavras e as compreendessem dentro do contexto da música. Gostamos muito de desenvolver essa aula, pois sentimos que estávamos próximos do universo do aluno, eles interagiram o tempo todo conosco e entre si, o que fez com que a aula se tornasse mais dinâmica em nosso ponto de vista.

Já na segunda aula descrita nesse estudo, do dia 04 de outubro, refletimos sobre a aula juntamente com o professor supervisor e chegamos à conclusão de que a aula poderia ter sido



melhor. Como no dado dia estávamos sendo avaliadas, estávamos mais nervosas que nas demais aulas, devido a isso nos atrapalhamos durante a aula. Por esse motivo, entramos uma na fala da outra por não ter dividido o plano, e devido a isso, deu-se a impressão de que uma sempre falava mais que a outra. Em relação à explicação do conteúdo, nos sentimos muito desafiadas, visto que não conhecíamos, até então, sequer na faculdade e teríamos que explicá-lo aos alunos; nesse sentido, não soubemos distribuir bem o conteúdo no quadro, o que fez com que os alunos ficassem perdidos, não nos atentamos às dúvidas deles dentre outros detalhes que parecem ser simples, mas em conjunto fazem diferença no desenvolvimento de uma aula. Apesar de essa aula não ter sido boa tal como queríamos que fosse, sabemos que não é sempre que uma aula sai como o planejado e que são as falhas que constituem o bom professor, pois são com os erros que aprendemos.

Em relação à nossa formação, consideramos que as aulas, de modo geral, nos mostraram que não há uma fórmula de professor perfeito e mesmo que se tenha em mãos um ótimo plano, pode ser que a aula não funcione como o desejado. E, mais importante, aprendemos que em colaboração conseguimos fazer mais e melhor; se na aula que intitulamos não tão boa tivéssemos priorizado a parte de cada uma a aula teria sido mais proveitosa tanto para nós, enquanto professores, quanto para os alunos. Com a nossa reação de nervosismo sentimos que os alunos perceberam a insegurança e ficaram inseguros também, logo não faziam perguntas que estavam na cara deles que queriam fazer. A nossa aula poderia ter sido mais dinâmica, tanto por nossa atuação, quanto pela participação dos alunos, mas em geral, não foi como pensávamos que seria. Essa aula nos mostrou, também, que é crença pensar que uma aula de música é sempre uma aula boa, no momento da música notamos que os alunos se interessaram, mas mesmo o restante da aula envolvendo aspectos da música executada, não mantiveram a mesma participação, talvez pela forma como a aula foi conduzida não houve um momento em que esse aluno fosse chamado para a aula, isto é, momento em que fosse chamado a participar, a prestar atenção naquilo que estava sendo dito por nós. Contudo, as experiências boas e ruins nos fizeram pensar no tipo de profissionais que pretendemos ser, pretendíamos alcançar ou ultrapassar o nível alcançado no estágio supervisionado de língua portuguesa, no entanto, por diversos fatores sentimos que deixamos a desejar nas aulas de língua inglesa. Esperamos, futuramente, não cometer os mesmos erros, mas manter a ideia de que não existe aula perfeita, existe resultados de nossas práticas que são os nossos alunos, cidadãos responsáveis pelo nosso futuro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de entrarmos em sala de aula pensamos que não éramos capazes de fazer um bom trabalho, principalmente por se tratar de aulas de língua inglesa no Ensino Médio. No entanto, ainda durante a realização de nossa regência nos sentimos seguras pelo apoio que tivemos, principalmente no que concerne à professora regente, que se manteve em sala sempre que pode e nos apoiou na nossa prática. Acreditamos que o fato de o professor supervisor ter nos acompanhando veemente foi positivo e negativo ao mesmo tempo, visto que, às vezes nos sentíamos seguras por sua presença, ao passo que outras vezes nos sentimos desafiadas. Passada a regência refletimos sobre esse aspecto, muitas vezes, pensamos não conseguir pelo modo como fomos desafiadas a fazer o nosso melhor, não sabendo que éramos capazes nos sentimos subestimadas, mas, ao final, percebemos que tal ato fez com que nos disséssemos que éramos capazes e fariamos o melhor, não só por um elogio, mas pelo bom trabalho que efetivariamos na escola. E cremos ter feito isso, demos a nossa colaboração, fizemos o nosso melhor, aprendemos coisas que não sabíamos até ensiná-las, o que para nós, foi uma das coisas mais produtivas nesse estágio. Aprendemos na prática a importância de não só ensinar, mas ensinar aprendendo, pois, ninguém sabe tudo e é praticando que nos aperfeiçoamos.

Os desafios e entraves só nos ensinaram que para ser um bom professor não é necessário que haja perfeição é preciso que haja zelo com os seus alunos e que se faça aquilo que se propõe a fazer da melhor forma possível. Acreditamos que fazer um bom trabalho nem sempre é mudar o mundo, mas sim contribuir de alguma forma para a melhora das pessoas que podem promovê-la! Sabemos de nossa responsabilidade em relação à formação de cidadãos mais pensantes e capazes de se manifestar nele. Temos a consciência de que “Ser professor é ter a possibilidade de vislumbrar uma sociedade melhor e poder atuar na sua construção, pois sua sala de aula pode, na relação com seus alunos e no sentido que imprimir às suas aulas, refletir o ideal de sociedade igualitária justa e democrática pela qual ansiamos.” (MICCOLLI, 2011, p.176). Portanto, cabe a nós, formadores, exercer o nosso papel pensando não só no futuro, mas naquilo que podemos fazer pelos nossos alunos hoje.

REFERÊNCIAS

Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL. Inhumas: UEG, 2016, v.2 n.1 p. 108-119.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Erro escrito e formas de correção. In: _____. (Org.). *formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas*. Goiânia: Editora da UFG, 2012. p. 158-173.

JORDÃO, C. M. Pedagogia de projetos e língua inglesa. In: EL KADRI, M. S. – PESSONI, T. P. – GAMERO, R. (Orgs.). *Tendências contemporâneas para o ensino de língua inglesa: propostas didáticas para a educação básica*. São Paulo: Pontes editoras, 2014.

JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009, p.161-168.

MICCOLLI, Laura. O ensino na escola pública pode funcionar, desde que... In: LIMA, D. C. de. (Org.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 171-184.

_____. *Aproximando teoria e prática para professores de línguas estrangeiras*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

FERRAZ, Mônica; AUDI, Luciana C. C. Ensino de Língua Inglesa com música. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/Volume3/AUDI%20e%20FERRAZ.pdf>. Acesso em: 03 de nov. 2016.